

Se Não...

Daniel 3

Introdução

Num artigo de jornal que li recentemente, o autor fez uma pergunta que me deixou intrigado. Ele escreveu:

Imagine que alguém colocasse em suas mãos o roteiro de vida de seu filho e uma borracha. Em seguida, você tem 5 minutos para apagar o que desejasse—qualquer coisa que estivesse no roteiro e que não quisesse que seu filho experimentasse.

Então, você começa a ler a toda pressa. Logo descobre que, por causa de uma dificuldade de aprendizado, seu filho demorará a aprender a ler, fazendo com que seus estudos sejam penosos e cansativos. E aí, você apaga essa dificuldade? Ao continuar lendo, percebe que ele faz alguns amigos na escola, mas um deles morre de câncer. Você apaga essa amizade e a consequente dor da perda? Mais adiante, seu filho entra para a faculdade, mas durante seus estudos, sofre um acidente e perde uma das pernas. Você remove o acidente de seu roteiro? Poucos anos depois, ele consegue um emprego na sua área, mas uma mudança econômica repentina o deixa desempregado e ele encara tempos árduos e estressantes. Você apaga aqueles meses e anos de dificuldade econômica?

Imagine que você tivesse em suas mãos o roteiro de vida de alguém—o que apagaria? O que deixaria que experimentassem, independente da dor, sofrimento e incerteza envolvidos?¹

Apesar de jamais querer que seu filho sofra com perda, rejeição e adversidade, se você apagasse de sua vida todos os fracassos e decepções, no final isso atrapalharia ao invés de contribuir para que desenvolvesse uma vida frutífera e plena de fé e dependência em Deus. E, se isso é verdade na vida de seu filho, por que devemos esperar algo diferente nas vidas dos filhos de Deus?

O apóstolo Tiago deixa claro que provações e tribulações em nossa fé produzem perseverança e maturidade espiritual (Tiago 1.2–4). O problema com os crentes em geral hoje é que parece que Deus não sabe quando deve usar a borracha; ou talvez ele nem tem um borracha! Por esse motivo, as perguntas mais comuns na mente das pessoas e expressadas na forma de acusação são: “Por que Deus permite desastres naturais? Por que Deus não dá boa saúde para todos? Por que ele simplesmente não apaga tudo de ruim que acontece? Tipo, se ele existe de fato, então coisas ruins não deveriam acontecer!” Deus tem que apagar todas essas coisas!

Ao mesmo tempo, falsos mestres, que parecem proliferar como coelhos, pulam em cena e dificultam as coisas ainda mais, ensinando as

multidões que o que realmente precisamos é declarar nossa fé em Deus, isto é, precisamos aprender a falar de um jeito que faz com que Deus use sua borracha. Dessa maneira, a fé se transforma numa série de declarações ou afirmações que aprendemos a usar. Se disser tudo certinho, você pode criar uma espécie de campo de força ao seu redor, o qual impedirá que coisas ruins entrem em sua vida. Quanto mais poderosa sua fé, mais forte o campo de força.

O autor de um livro popular bastante vendido a crentes promete aos seus leitores que, se fizerem essas declarações positivas de fé, um dia serão “abençoados além do salário normal... além de sua renda normal... Deus com certeza mudará as coisas em sua vida.”² Ou seja, você conseguirá garantir as ricas bênçãos de Deus. Decidi chamar isso de “teologia da loteria,” que é o motivo por que as pessoas fazem filas para entrar nela—compre este bilhete e terá lucro. Conforme disse esse escritor: “Diga estas palavras todos os dias e conseguirá determinar sua existência com o poder de sua palavra.” Ele ainda promete: “Use meu livro como guia para declarar vitória todos os dias—declarar saúde, favor e abundância.”³ Tipo, é só dizer as palavras certas e Deus, o Gênio poderoso, dará a melhor vida que você imagina—e você ainda ganhará muitos prêmios na loteria. Quem não quer essas coisas? Por isso, milhões de pessoas compram seu livro e tentam.

Agora, e se a melhor vida para você, segundo o plano de Deus, envolver o término de sua vida? E se Deus deseja leva-lo ao entendimento profundo do motivo por que Jesus Cristo nunca definiu vida boa com base em sua duração ou posses? E se Deus mudar sua vida, mas mudar as coisas de mal para pior?

Assim como igrejas na Coréia do Norte. 40 anos atrás sob o regime de Kim II-Sung, os crentes

foram colocados numa rua para serem atropelados por tratores. Milhares de crentes foram esmagados, não por que *não tinham* fé, mas porque recusaram *renunciar* sua fé. Seus restos mortais ainda foram usados no calçamento de ruas em cidades vizinhas.⁴ O que aconteceu com o campo de força da fé desses irmãos? Hoje, existem mais de 200 mil descendentes crentes desses que foram esmagados, agora vivendo sob o regime do filho de Kim—um novo ditador—e eles oram para que sejam fieis à vontade de Deus.

Você já parou para pensar que a promessa de conforto garantido e imediato é, na verdade, a oferta de Satanás? Esse é o seu evangelho. “Eva, você pode ter tudo que quiser... aqui está o segredo para a felicidade e sabedoria. Se me ouvir, terá essas coisas.” Quando Jesus foi pessoalmente tentado por Satanás, conforme lemos em Mateus 4, esta foi uma das tentações que ele lhe apresentou: “Jesus, me adore só uma vez e te darei tudo quanto quiseres.” Em outra tentação, ele disse que Jesus não precisava passar por sofrimento e fome; sem dúvidas, Deus não queria isso para ele. Então, é só transformar algumas pedras em pães frescos e encher a barriga—“Vamos lá! É hora de você proferir algumas palavras de bênção!”

E se Deus o leva do mal ao pior? Foi isso o que aconteceu com o missionário pioneiro Adoniram Judson. Ele foi preso depois de ter sido acusado injustamente de colaborar com o governo britânico que havia enviado tropas para guerrear contra os birmaneses no início dos anos de 1800. A esposa de Adoniram, Ann, fez de tudo para garantir que ele teria o que comer na prisão, mas depois de alguns meses de sofrimento e privação terríveis, as coisas só pioraram. Ann adoeceu mortalmente que nem conseguia mais amamentar a filha Marie de 3 meses de idade. O guarda deu a Adoniram permissão para sair da prisão por algumas horas por dia, a fim de levar sua bebê faminta a uma vila próxima e

implorar que alguma mulher birmanesa amamentasse sua filha.⁵

Veja bem: quando os apóstolos escreveram cartas às igrejas e aos crentes do século primeiro, eles ensinaram que o término do sofrimento e descanso e conforto gloriosos para os crentes eram garantidos—porém nunca nesta vida. Não havia nenhum campo de força protegendo-os de doenças, dificuldades financeiras, perseguição, tristeza ou dor. O que os apóstolos fizeram foi remover a perspectiva dos crentes daquilo que parecia ser o fim de tudo nesta terra para a glória vindoura e alegria da revelação de Cristo (1 Pedro 4.13). Eles escreveram basicamente:

- O que é saúde agora se comparada ao corpo glorificado?
- O que é riqueza agora se comparada à opulência de uma cidade cujas paredes são edificadas sobre pedras preciosas e ouro não passa de asfalto?
- O que é conforto agora se comparado à presença de Cristo e à alegria de adorá-lo face a face?

Muitos estudiosos acreditam que, quando Pedro escreveu 1 Pedro 4.12 (que diz: *Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos*), ele pensou num evento que tinha acontecido séculos antes—uma provação por fogo literal. Uma das declarações de fé mais poderosas da Bíblia não saiu da boca de crentes dizendo a coisa certa para conseguir o que queriam de Deus, mas de crentes que disseram a coisa certa, mesmo quando pensavam que morreriam. Muitos estão convictos de que Pedro estava pensando em Daniel 3.

Convido sua atenção a uma passagem bastante conhecida pela igreja, apesar de incluir uma

declaração de fé bastante incomum. Em nosso estudo anterior, vimos que Daniel e seus amigos acabaram de chegar como prisioneiros ao império de Nabucodonosor—a Babilônia. Eles passaram pelo belíssimo Portão de Ishtar (uma das sete maravilhas do mundo antigo) preservado até hoje, graças à alvenaria dos babilônios, que usavam tijolos de barro queimados. Os jovens hebreus sem dúvida se maravilharam diante do que viram. Essa não era mais Jerusalém, mas a grande Babilônia e Nabucodonosor era o rei do maior império da terra na época.

Vamos começar lendo Daniel 3.1:

O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro que tinha sessenta côvados de altura e seis de largura; levantou-a no campo de Dura, na província da Babilônia.

A maioria dos estudiosos acredita que esse evento ocorre entre 18 a 20 anos depois que esses jovens chegaram e encararam suas primeiras provas de fé. Isso significa que tinham entre 25 e 30 anos.

Agora, por que Nabucodonosor mandou construir essa imagem de ouro? Em outro estudo, trataremos das profecias escatológicas de Daniel. Basta saber que o contexto para esta imagem de ouro de Nabucodonosor surge da interpretação de Daniel para o sonho do rei no capítulo 2. Daniel informou o rei que seu Deus lhe dera o sonho de uma grande estátua no formato de homem. Partes diferentes do corpo eram feitas de materiais diferentes, os quais representavam diferentes impérios mundiais. Nabucodonosor ficou feliz de ouvir Daniel dizer que a Babilônia era a cabeça da estátua e feita de ouro. Ainda havia outros reinos representados por prata, bronze, ferro e, por fim, um reino misturado de ferro e barro. Mas Nabucodonosor não quis saber. O que ficou vívido em sua mente foi que seu reino era a cabeça da

estátua e era feita de ouro. Então, vamos fazer uma estátua de 27 metros de altura por quase 3 de largura; e vamos fazê-la completamente de ouro.⁶ Não importava que seu reino não duraria eternamente e que haveria um reino de prata—Babilônia é o reino de ouro!

Dessa maneira, a estátua foi erigida em Dura, cerca de 17 km ao sul da capital da Babilônia. Arqueólogos descobriram uma estrutura de tijolo de quase 14 metros de comprimento para ambos os lados e de 6 metros de altura. Eles acreditam que essa estrutura serviu como pedestal para algo enorme que já desapareceu há muito tempo.⁷ Não é surpresa que os tijolos ficaram, mas o ouro se foi.

O que precisamos entender é que a estátua é, na realidade, uma afronta de Nabucodonosor à profecia de Daniel; a imagem representa a sua vontade para o futuro. O capítulo 3, em essência, repete a pergunta que surge vez após vez no livro: quem é o Deus verdadeiro? Quem, realmente, controla a história?⁸ Alguns eruditos no Antigo Testamento afirmam que a estátua mais provavelmente representava o deus padroeiro de Nabucodonosor—Nabu.⁹

O rei usaria esse evento para fabricar uma religião estatal: o povo poderia continuar adorando seus deuses, mas teriam que reconhecer este deus também—o deus padroeiro do Império Babilônio. Todo líder, que representasse elementos da cultura da Babilônia, deveria ser leal ao deus Nabu e ao seu servo imperador, cujo nome fora dado em sua honra—Nabu-codonosor.

Então, a imagem é projetada e construída, e convites são feitos. Veja a quem é feito o convite no verso 2:

Então, o rei Nabucodonosor mandou ajuntar os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os

juízes, os tesoueiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias, para que viessem à consagração da imagem que o rei Nabucodonosor tinha levantado.

Sátrapas eram governadores do império; ***prefeitos*** eram comandantes militares; ***governadores*** eram líderes de províncias menores; ***juízes*** eram conselheiros especiais—podemos pensar neles como senadores; ***tesoueiros***, evidentemente, eram os que administravam as finanças do império; ***magistrados*** eram os responsáveis por executar a lei—os juízes do Supremo Tribunal do império e de comarcas locais nas províncias; ***conselheiros*** eram representantes do estado; por fim, o título ***oficiais das províncias*** carrega a ideia de autoridade executiva e legal, e provavelmente se refere a todos aqueles que hoje são os policiais, comandantes e advogados.¹⁰ Em outras palavras, esses eram os indivíduos influentes do reino; todos os que eram alguma coisa receberam um convite.

E esse convite foi semelhante ao convite enviado quando a Rainha Elizabeth foi ser coroada na Abadia de Westminster. Conforme li, ela enviou convites aos lords e nobres da aristocracia, a líderes da academia e da indústria, e a oficiais do governo. Receber um convite foi uma honra. Mas ele foi mais do que um mero convite, foi veio com a declaração: “Deixando todas as desculpas de lado....” Em outras palavras, um convite real não era um convite, mas uma ordem.¹¹ Você não poderia justificar sua ausência porque estava com febre ou porque sua esposa pegou uma gripe.

E todas as pessoas foram, inclusive, conforme veremos em breve, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Imediatamente, nos perguntamos: “Onde está Daniel?” O texto não nos informa. Pode ser que estivesse com outros oficiais do palácio numa missão numa província afastada. Ou pode ter estado

ao lado no rei no palco. Muito provavelmente, Nabucodonosor se encontra sobre uma plataforma para essa grande ocasião, cercado por sua família e oficiais prediletos, quem sabe, entre eles, Daniel, o homem que lhe deu a ideia de que seu reino era a cabeça de ouro.

Agora, por questão de tempo, permita-me fornecer um panorama das instruções que aparecem no restante do parágrafo. Todos são reunidos; eles estão sentados lá num pátio enorme comendo salgadinhos e tomando champanhe. O arauto se levanta e anuncia que a orquestra real está pronta para tocar uma composição recém-criada em honra ao rei e sua estátua de deus banhada a ouro sobre um pedestal, se estendendo a 36 metros no ar e refletindo em esplendor o sol, a ponto de ninguém conseguir olhar para ela direito. E o arauto exclama: “Nada disso importa. Todos devem olhar para a estátua e se ajoelhar diante dela. Assim que a orquestra começar a tocar o novo hino nacional da Babilônia, todos devem cair de joelhos com o rosto em terra em honra a Nabu e seu príncipe, Nabucodonosor.”

E no caso de você pensar que isso é opcional e decidir não se curvar porque não se vestiu de forma conveniente, o verso 6 termina com o arauto dizendo:

Qualquer que se não prostrar e não a adorar será, no mesmo instante, lançado na fornalha de fogo ardente.

Agora, todos estavam dispostos a se curvar! Eles guardaram seus pratos, talheres e taças e aguardaram pelo início da música. E lá começa a orquestra... e todos os oficiais do poder executivo, os tesoureiros do governo, prefeitos, governadores, senadores, comandantes dobraram os joelhos e se curvaram com o rosto em terra. Que cena! Quanta lealdade, respeito e adoração! A palavra “adorar” e

seus cognatos aparecem cerca de 12 vezes nesse capítulo. Esse foi, de fato, um ato coletivo de adoração à imagem do deus padroeiro da Babilônia.

Todos se prostraram... menos Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Nesse momento, eles poderiam dizer: “Todo mundo está fazendo...;” poderiam justificar: “Olha, vamos fazer mesmo o que está todo mundo fazendo... seremos mais úteis como oficiais a serviço do rei do que como cinzas na fornalha do rei.”¹² Ou, “Não vamos fazer um escândalo aqui... não precisamos ser fanáticos com nossas convicções; se não nos ajoelharmos, ficaremos destacados no meio de todos. Além disso, temos que construir pontes com esses ídólatras. Deus não irá se importar se nos prostrarmos rapidamente. Afinal, dobraremos os joelhos, mas não o coração.”¹³ Meu amigo, fé genuína não busca brechas; ela faz o que sabe ser o correto.

Agora, evidentemente, Nabucodonosor não viu os três hebreus de pé, mas alguns oficiais viram. Esses caldeus provavelmente estavam de olho, observando atentamente para ver a reação desses jovens hebreus que tinham ascendido a postos administrativos mais rapidamente do que outros homens mais experientes e admirados. Essa era a chance deles.

Continue no verso 12:

Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província da Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti, a teus deuses não servem, nem adoram a imagem de ouro que levantaste.

Num estalar de dedos, os jovens são acusados de traição e heresia. O verso 13 nos informa que esse relatório enfureceu o rei; ele é tomado de uma ira violenta e fica mais quente do que a fornalha ao

lado. Daí, ordena que os três sejam trazidos à sua presença e diz no 14:

...É verdade, ó Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que vós não servis a meus deuses, nem adorais a imagem de ouro que levantei?

E, de repente, o rei é tomado de simpatia e bondade, e dá uma segunda chance aos hebreus no verso 15 para se prostrarem ao som da orquestra. Mas, se eles não se prostrarem, veja o verso 15b: ***sereis, no mesmo instante, lançados na fornalha de fogo ardente. E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos?***

Podemos até imaginar os caldeus fofoqueiros ali do lado, pensando: “Rapaz, achamos que dessa vez nos livraríamos deles. De onde o rei tirou essa bondade para dar outra chance a eles? Nabucodonosor não dá segunda chances, especialmente depois de ser afrontado na frente dos líderes de seu império.”

Agora esses hebreus vão mudar de ideia. O que eles fizeram foi audacioso; temos que admitir, eles foram corajosos. Mas, agora, puderam dar uma boa olhada na fornalha, viram a cara do rei e puderam pensar em quanto tempo o fogo dói antes de matar. Com certeza, os jovens vão mudar de ideia.

Entretanto, o que lemos em seguida é algo inacreditável. Quase que em uníssono, os três dizem a Nabucodonosor no verso 16: ***Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder.*** Ou seja, “Não precisamos pensar sobre o que fizemos e por que fizemos; e também não precisamos de uma segunda chance.” Continue nos versos 17–18:

Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro

que levantaste.

Até mesmo o grande reformador Martinho Lutero pediu por uma noite para orar e pensar quando mandaram que ele renunciasse sua fé em Cristo somente.¹⁴ Esses três rapazes nem oram sobre o assunto. Na verdade, eles tiveram dias para se preparar; eles sabiam que a hora chegava; sabiam que morreriam. Mas não antes de fazerem uma das declarações de fé mais notáveis das Escrituras: “É o seguinte, rei: nosso Deus tem poder para nos livrar das tuas mãos, mas se não...”

Espere; volte um pouco. Pare em: “Se o nosso Deus quiser nos livrar, ele nos livrará.” Isso vende livros. Consigo até ver o campo de força da fé se formando ao seu redor quando você diz isso. Mas esses jovens não pararam aí. Eles disseram que Deus pode decidir não pegar a borracha e permitir que eles morram. Não houve dúvidas em sua mente; essa é uma fé convicta.

Ouçá bem: você não determina seu destino, mas o confia nas mãos do Senhor soberano do universo. E esses três homens estão prontos para morrer, caso seja esse o destino de Deus para eles. E sua resposta sela sua condenação. Nabucodonosor fica com tanta raiva que manda acenderem a fornalha 7 vezes mais quente do que o normal.

Pela história e com a ajuda da arqueologia, sabemos que se trata aqui de uma fornalha de fundição—uma estrutura com uma tampa grande na parte superior, na qual eram depositados materiais. Na parte inferior, que ficava próxima ao chão, havia uma abertura por meio da qual se removia o minério purificado e outras coisas. Havia buracos ao redor em todas as paredes, através dos quais mais lenha era inserida, controlando-se, assim, a temperatura do fogo. Uma rampa de acesso feita de terra conduzia ao topo da fornalha.

Então, os três hebreus sobem a rampa, ainda vestidos com seus trajes de oficiais. Eles estavam para ser lançados na fornalha como lenha.¹⁵

Agora, você alguma vez já abriu o forno quente para tirar um bolo ou lasanha? Quando abre, sai um ar tão quente que você fecha os olhos e vira o rosto para o lado, até que a quentura passa.

Evidentemente, o ar que saiu da fornalha foi tão quente que, assim que os soldados abriram a tampa para lançar os hebreus lá dentro, eles morreram e os hebreus caíram lá dentro. Eles devem ter pegado fogo imediatamente e, por alguns segundos, se contorceram sobre a camada de brasas vivas, até que desaparecem. Veja os versos 24–25:

Então, o rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa, e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam ao rei: É verdade, ó rei. Tornou ele e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses.

Assim como todos os demais babilônios, o rei Nabucodonosor cria que muitos de seus deuses tinham filhos. O que ele diz aqui simplesmente é que o quarto homem tem aparência divina. E ele tem que ter sido outra coisa que não humano para aparecer na fornalha e depois desaparecer.

Isso foi o que os teólogos chamam de Cristofania—uma manifestação física do Cristo pré-encarnado. Ele assumiu alguma forma, como fez quando apareceu a Abraão antes da destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 18) ou a forma de um homem, quando fez quando lutou com Jacó junto ao ribeiro (Gênesis 32). E veja os homens: eles passeiam como se estivessem em outro lugar,

não dentro de uma fornalha.¹⁶

Veja o verso 26:

Então, se chegou Nabucodonosor à porta da fornalha sobremaneira acesa, falou e disse: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde! Então, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram do meio do fogo.

Agora, imagine por um segundo o que esses homens poderiam ter dito. Abede-Nego poderia ter dito: “Por que você não entra aqui conosco, chefe? Só sairemos depois que você se retratar. Traga os caldeus aqui para dentro. Vamos ver quanto tempo eles duram dentro da fornalha.”

Você alguma vez foi injustiçado e depois vindicado? Quem recebeu o crédito? Aqui, está óbvio que Deus recebeu. A única coisa que o fogo consumiu foi o material que os amarrava. Eles saem andando de lá de dentro do fogo e são inspecionados imediatamente. O verso 27 diz ***que o fogo não teve poder algum sobre os corpos destes homens; nem foram chamuscados os cabelos da sua cabeça, nem os seus mantos se mudaram, nem cheiro de fogo passara sobre eles.*** Só uma coisa mudou: eles não estavam mais amarrados.

Isso se assemelha ao fogo das provações—Deus projeta as tribulações para que queimem aquilo que prende nossos corações e afeições a esta terra.

Agora, o rei Nabucodonosor não consegue parar de elogiar o Deus dos hebreus. No verso 29, ele diz que ***não há outro deus que possa livrar como este.*** Não se engane: Nabucodonosor está impressionado, não convertido. Outras coisas ainda precisam acontecer para que ele se converta. Mas ele fica impressionado.

O verso 30 conclui o capítulo, informando que **o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na província da Babilônia**. Por que? Porque eles determinaram um futuro confortável para si mesmos? Por causa do campo de força de fé que formaram ao seu redor? O que eles disseram, de fato, nos versos 17–18 foi: “O nosso Deus pode nos livrar... **Se não**, fique sabendo que ainda seguiremos o Deus verdadeiro. Vocês adoram nada mais do que uma estátua oca banhada a ouro.” Não. Nabucodonosor os promoveu porque, até onde ele sabia, acabou de encontrar 3 homens que não podiam ser subornados ou ameaçados a violar seu caráter pessoal, mesmo que fossem sujeitos à dor da morte.

Sinceramente, se eu fosse Deus, teria terminado a narrativa no verso 18—“Pronto, vocês passaram no teste.” Pense bem: naquele momento, Deus poderia ter apagado o fogo da fornalha, emperrado os instrumentos da orquestra e derrubado a estátua com um forte vento. Ele poderia ter feito qualquer coisa; obviamente, ele estava com planos de realizar alguns milagres. Mas Deus deixou os 3 hebreus serem:

- acusados falsamente;
- alvos da ira de um rei furioso;
- amarrados;
- conduzidos rampa a cima;
- lançados numa fornalha 7 vezes mais quente do que o normal, esperando que a qualquer momento pegariam fogo e morreriam.

Mas Deus não eliminou o fogo; ele só se uniu a eles lá dentro. E ele faz a mesma coisa comigo e com você: ele não elimina as provações; às vezes até permite que fiquem 7 vezes mais quente. Meu amigo, quando esses rapazes estavam no meio do

fogo, eles estavam no meio da vontade de Deus.

Como vemos, Deus não queria que eles experimentassem o término do problema; ele quis revelar sua presença no meio do problema. Pensamos que fé deveria resultar automaticamente em libertação, mas Deus está mais interessado no nosso crescimento a longo prazo. Um autor colocou isso da seguinte maneira: “Deus não age em sua vida criando situações que você deseja; ele age nas suas situações, criando em você aquilo que ele deseja.”¹⁷

Conclusão

Permita-me concluir com três observações sobre a fé genuína demonstrada ali naquela planície de Dura. Fé genuína é demonstrada ao seguirmos a Deus:

- independente dos sentimentos dentro de nós;
- independente das circunstâncias ao nosso redor;
- independente das consequências ao nosso redor.¹⁸

É por isso que esse testemunho seria tão poderoso para os crentes de qualquer geração e cultura—não porque Deus libertou os três homens da morte, mas porque eles estavam dispostos a morrer por sua fé, porque entenderam que, de qualquer maneira, Deus permanecia no controle. Nosso Deus pode nos livrar. Mas se não... ele ainda está no trono.

Você já deve ter ouvido sobre Joni Eareckson Tada, aquela mulher que ficou tetraplégica ainda jovem quando sofreu um acidente de mergulho. Outra alguns dias atrás, ela foi entrevista na televisão e ela disse algo profundo que só

desenvolveu depois de décadas confinadas a uma cadeira de rodas. Ela disse a milhões de pessoas que assistiam à entrevista: “Quero que minha vida seja um recurso visual do poder de Deus.”

E sua vida tem sido esse recurso visual. Mas como, se ela não pode andar? Ela testifica que, apesar de Deus não haver eliminado sua provação,

ele participa dela com Joni; ele lhe dá graça para perseverar e ela sabe pela fé que, um dia, Deus a libertará dessa tribulação. Assim como escreveu o apóstolo Pedro: não fique surpreso se surgirem provações; não importa o que seja e quanto tempo demore, elas não podem se comparar à alegria daquela dia quando veremos Jesus face a face em sua glória.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 25/11/2012

©Copyright 2012 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Adaptado de John Ortberg, “Don’t Waste A Crisis,” *Leadership Journal* (inverno de 2011).

² Joel Osteen, *I Declare* (Faith Words, 2012), p. 3.

³ *Ibid.*, p. ix.

⁴ Carl Moeller e David Hegg, *The Privilege of Persecution* (Moody, 2011), p. 67.

⁵ Jesse Clement, *The Life of Rev. Adoniram Judson* (University of Michigan Library), p. 170.

⁶ Renald Showers, *The Most High God* (Friends of Israel, 1982), p. 29.

⁷ *Ibid.*, p. 30.

⁸ James Montgomery Boice, *Daniel* (Baker, 1989), p. 42.

⁹ *The Expositor’s Bible Commentary: Volume 7*, editado por Frank Gaebelin (Zondervan, 1985), p. 50.

¹⁰ Adaptado de *ibid.*, p. 51.

¹¹ John Phillips, *Exploring the Book of Daniel* (Kregel, 2004), p. 62.

¹² Warren W. Wiersbe, *Daniel: Be Resolute* (Victor Books, 2000), p. 42.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Boice, p. 44.

¹⁵ *The Expositor’s*, p. 56.

¹⁶ Wiersbe, p. 44.

¹⁷ Adaptado de Ortberg.

¹⁸ Adaptado de Wiersbe, p. 40.